Anno I — Guimarães, 21 de Outubro de 1915 — Numero 2

VIMARANENSE

Semanario independente, litterario, noticioso e defensor dos interesses locaes

Director, proprietario e editor — *Custodio dos Santos Lima Guimarães*

PREÇO DA ASSIGNATURA

Anno, sem estampilha	1$200
Semestre, idem	$600
Anno, com estampilha	1$500
Semestre, idem	$750
Africa e Brazil, por anno (moéda forte)	2$250
Numero avulso	$40

Redacção, Administração, composição e impressão
Rua Elias Garcia, 46 (antiga rua de Santa Maria)
PUBLICA-SE ÁS QUINTAS-FEIRAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Annuncios e communicados, por linha	$40
Repetição dos mesmos	$10

Annuncios permanentes, contracto especial.
As obras litterarias annunciam-se gratis, recebendo-se na redacção um exemplar.
Os autographos, sejam ou não publicados, não se restituem.

INTERESSES LOCAES

Já de ha muito que uma *crise* assustadora, espantosa e insupportavel vem grassando no nosso paiz. A nossa situação de cada vez tende a peorar, a prejudicar tudo e todos.

Differentes governos têm estado no poder: uns com o fim de favoritismo, collocando a *filharada* e perseguindo os que não commungam nos ideaes, acima de tudo patrioticos; outros, tentam subir ao elevado grau do ministerio, para com seu cargo presidencial, crear adeptos e engrossar as fileiras, ainda não vigorosas nem fortificadas; outros, ainda, governam com mil promessas, desfazendo-se em cortezias e amabilidades, decretando leis tendentes a melhorar a situação financeira do paiz.

Ora muito bem. Perguntamos: de que serve a um governo qualquer, seja elle da côr que fôr, forjar leis sobre leis, com o fim unico de favorecer o povo — o eterno escravo — se as respectivas auctoridades não cumprem, nem fazem cumprir esses generosos decretos, essas leis que, por um lado, sendo justas, por outro lado não passam d'um facciosismo?

De que serve que todas as classes, desde as mais pobres ás remediadas, reclamem contra a carestia da vida, se não são attendidas?

De que valem as reclamações justissimas enviadas aos ministros, se a tinta, para estes, se torna invisivel!

De que vale um deputado berrar, reclamar com todo o enthusiasmo, no parlamento, fazendo ver ao Governo que o circulo por onde fôra eleito, precisa de certas e determinadas medidas favoraveis, se as suas palavras não lhe merecem conceito e são proferidas entre sussurros da illustre assemblea parlamentar que nada deixa ouvir?

Por mais esforços que se façam, tudo inutil, tudo em vão.

A crise é medonha! A crise actual é espantosa! assustadora! Os generos de primeira necessidade estão carissimos, por um preço exorbitante, a que nunca chegaram; as rendas de casa, idem; trabalho não o ha. Como ha de viver o povo, de que ha de sustentar-se?

A continuar-se assim, n'este caminho todo agruras, todo miserias, a fome triumphando vangloriosamente, saberá firme e intrepida vingar-se dos lazarentos, d'este povo ordeiro e pacifico, d'este povo trabalhador e de férias ao mesmo tempo...

Torna-se urgente reparar n'isto.

E' necessario que as nossas auctoridades remedeiem o mal; compete-lhes, a elas e mais ninguem, olhar pelo povo, vendo as circumstancias gravissimas em que se encontra. Cumpre-lhes de obrigação.

Guimarães, sendo uma terra importantissima, principalmente pela sua industria e pelo seu commercio, encontra-se n'umas condições deploraveis, mesmo pessimas.

Uma grande parte do operariado anda por ahi, a vaguear, de mãos nos bolsos, pelas esquinas, sem trabalho.

Pois bem: ha um projecto para a construcção d'um bairro operario.

Quando se dará começo a elle? Quando é que a nossa Camara tenciona pôr em execução tão decantado projecto? Quando?

Quando se resolverá ella a beneficiar os pobres — os rotos e famintos — alugando-lhes baratamente uma dependencia do bairro em projecto?

Quando ha de ser? Nunca, talvez!

Decretam-se leis — mas nunca se cumprem; forjam-se projectos e mais projectos — mas nunca se executam; combinam-se mil coisas — mas nunca passam das costumadas phrases, sempre amaveis e attenciosas: «*ha de se fazer... ha de se arranjar...*» ficando, porém, tudo na mesma, no esquecimento, no olvido.

Foi sempre assim, continúa a sê-lo e eternamente o será.

A legislatura portugueza caducou: nem homens, nem acções, nem nada! E a nossa situação é tão boa — mésmo um mar de rosas! — que sobre ella dizem os estranjeiros: — *Portugal é um paiz de mendigos e desordeiros.*»

*

Ha dias, os jornaes noticiaram, em correspondencias d'esta cidade:

Quando uns jornaleiros da Camara trabalhavam n'umas escavações, ao Proposto, cahiu sobre elles um montão de terra, causando a morte d'um d'estes, de nome Joaquim Francisco, de 27 annos de idade, da freguesia de Pencello, d'este concelho, que ficou soterrado.

Os companheiros do infeliz, cheios de terror, ainda empregaram todas as deligencias para o salvar, trabalhando com denodo para o aliviar do peso da terra, mas foram inuteis os seus esforços, por que quando o desventurado foi retirado da terra já estava morto.

Perguntamos: De quem foi a culpa n'este desastre? Sem duvida que o infeliz trabalhador não foi cauteloso, como deveria sê lo; mas as verdadeiras culpas sómente recaem no empregado, fiscal da Camara, que de obrigação lhe competia ver e examinar o perigo em que os pobres trabalhadores andavam envolvidos. Mas, infelizmente, os empregados dirigentes só servem, unica e exclusivamente, para receber a diaria, que não e pequena, passear e entrar nas tabernas.

Mal de quem vae... o resto está bem!...

A CONFISSÃO DA MINHA ALMA

A Alguem.

A noite descia envolta no seu negro manto.

O siciar da brisa, o perfume estonteante das flores, tudo isto era d'uma solemnidade austera.

A noite cobria a Terra com o seu negro manto.

Linda noite! Ceu limpido e uma Lua — gentil boeirinha das Estrellas.

Divagava eu por caminhos cortados por arroyos de aguas crystallinas, brilhantes á luz argentea e e palida da Lua, relendo na memoria passagens da **Musa em Férias** em que Junqueiro canta a Natureza, a fonte de toda a Vida, quando alguem me chama.

Olho, ninguem. Mas, uma voz, d'uma melancolia profunda, continua assim:

«Vou contar-te o que nunca ousei cnotar a ninguem. Ouve:

Nada toldava a minha vida de estudante e de bohemio. Era um sético. Olhava paça as mulheres como um objecto de goso material, não entrevia n'ellas o anjo do amor e do lar. Uma Mulher aparece na minha vida de estudante e de boémio. E' bella. No olhar tem a doçura e suavidade do luar. Apodera-se de mim um sentimento que até então me era desconhecido — o Amor. Amo-A.

¿Serei algum dia por Ella amado?

A voz extinguiu-se entre soluços.

O vento traz o echo d'um gemido plangente, no Ceu não brilha a Lua.

.....

¿Quem fallou? A minha alma de estudante enamorada de uma bella chamada...

Guimarães, 10/10/915.

CARLOS COELHO.

O MAL

Elle estava sentado, ao fim do dia,
Sobre as ruinas de velhas tradições,
Soltando ao largo as trovas da Agonia
Entre um côro de eternas maldições.

Tinha na face encarquilhada e fria
A sordidez dos infimos ladrões;
E na dextra uma taça, onde bebia
O sangue das extinctas gerações.

Eu, ao vê-lo, bradei: Porque é que existes
Tu, que geras o Horror, e a elle assistes.
Tranquillo, como á queda de Salém?

Porque, ó Mal? — E o Mal, sombrio e tôrvo.
Fitou em mim o seu olhar de corvo,
E respondeu-me: Porque existe o Bem

NARCISO DE CARVALHO.

No Calvario

Maria, com seus olhos maguados,
ceus espirituaes, lavava em pranto
as largas chagas de Jesus, emquanto
ria ao pé um dos tres crucificados.

Semblantes de mulher mortificados
escondiam a dôr no casto manto.
Uma mulher de Henon chorava a um canto.
Jogavam sobre a tunica os soldados.

Martha, os pingos de sangue, alva açucena,
dir-se-hia no bom seio recolhe-los.
Alguns riam, brutaes, d'aquella pena.

Salomé tinha um mar nos olhos bellos.
João fitava a Cruz — Mas Magdalena
limpava a Christo os pés com seus cabellos

GOMES LEAL.

Coisas do mundo

O Porto, a cidade invicta do Portugal heroico, está sendo atacado d'uma imbecilidade pedantesca, que mostra bem o espirito apagado e a falta de luz no cerebro d'uma grande parte dos seus habitantes. Nós, provincianos, ha pouco aqui chegados, perfumados ainda com a innocencia exhalada das campinas minhotas, intactos por essa doença contagiosa, com o habito natural de presencearmos sómente coisas e costumes que tenham a sua razão de ser, portuguezes de lei, patriotas de coração, revoltamo-nos ao vêr filhos da mesma patria querida, nascidos no mesmo sólo, irmãos do mesmo sangue portuguez, escouceando o senso commum n'uma exhibição constante, que representa claramente um factor consideravel do retrocesso da nossa raça.

Quem, na Praça da Liberdade, se fôr collocar a examinar com o olhar observativo o Passeio das Cardosas, chamado aqui, e com razão, o «Aquario dos Imbecis», onde se desenrola a «fita» da mocidade depravada pelo luxo e doentia de belleza, ri se a bom rir para não chorar de... vergonha!

Examinemos: Passa, agora, um «coquote» gentil com todos os requintes da elegancia, galanteando damas que seguem, com chapelladas «bernardinicas», n'um espremer ridiculo, sem ter pejo nem vergonha se mostrar as formas rachiticas do deu corpo mal fabricado, postas á vista pelo frack ajustado á cinta, que vae pousar, em cima, n'um formidavel, e incommodativo por certo, «colarinho branco de luar, alvo como a neve», a examinar constantemente o brilho intenso dos seus sapatos decotados. Caminha, além, no seu passo miudinho de «levandisca», uma joven da «élite», impulsionada pela elegancia que a ridicularisa, distribuindo sorrisos para receber cumprimentos, com o desejo (quem sabe!) de expôr a alvura... «calada» do seu collo de cysne aos olhares ferozes dos maliciosos.

E então, para complemento da vergonha que nos adoece, segue, mais além, um academico, coberto pela batina negra do estylo, empunhando a capa em gestos parvos de bom caminhar... («a toda a cela»), a distribuir fumaradas absorvidas de um formidavel cachimbo, a quem observa desdenhosamente atravez d'um monoculo que lhe escacha o olho. Vergonha das vergonhas!

Não nos havemos de revoltar nós perante esta deshonra de toda a academia portugueza, que será tambem a deshonra do futuro meio intellectual em que nascemos!

Lindos exemplares da degeneração humana, que só n'uma janla do Palacio de Crystal, tinham logar apropriado!

Costureiras da minha terra — d'aquella terra linda embalada pela brisa dos poetas n'um berço de montanhas douradas pelo sol! — que tão bellas sois no vosso trajar singello e com os dotes de elegancia que a encantadora natureza vos dotou!

Como ficariam perante vós estes abortos de natureza feminina, ao vêr tão lindos rostos despidos completamente de carmim e pós de arroz, corpos tão elegantes, sorrisos tão divinos, peitos tão sensuaes.

Não morreriam de vergonha porque a não tinham, mas embora vos desdenhassem, haviam de no seu intimo invejar-vos o todo.

E ao vêr toda esta sociedade depravada pelo «fidalguismo balofo», eu exclamo como o articulista sensato do **Ferro Velho**: Pobre paiz das galeras! e augmento entristecido: Que taes filhos tem!

Porto, 1915.

DIONISIO ALVES.

Ferro Velho

Quasi que todas as semanas (com raras excepções) elle passava pela rua (uma rua erma e silenciosa, larga e curta), mesmo rente á nossa porta, apregoando, apregoando sempre, n'uma voz rouca, alcoolisada já, fanhosa:

— «Compra objectos!! Vende objectos!!»

E sempre que passasse todas as vezes nos procurava com cheiro n'um cigarro e n'uma misera esmola.

E fallava, cavaqueava, umas vezes massadoramente, aborrecidamente, outras vezes, então, relatava casos que nos despertavam curiosidade, episodios interessantes. Mal elle vinha, além, apregoando, no curva da estrada, logo nos dispunhamos a perder uma hora só para o ouvir, para o aturar.

Geralmente, o Adolpho nunca andava só, nunca caminhava só:

afóra os alforges abarrotados de apetrechos, objectos velhos, ferros e moveis, cacos, paus e tantas mais mindesas, acompanhava-o sempre (nunca fôra visto só, nunca!) o garotio — rapazes endiabrados e insupportaveis — que o escarnecia imitando-o, que o affligia, martyrisava, dando-lhe encontrões, acotovellando-o, apedrejando-o até.

Infeliz Adolpho! Que fadario o teu! Sorte de cão!

E de todas as vezes que chegava á nossa porta, de chapeu na mão, deixando a descoberto uma carapuça poida já, enterrada na cabeça até ás orelhas, humilde, pedia licença e entrava a chorar como uma creança, vertendo lagrimas de raiva — lagrimas de vingança contra aquella indigna ralé.

E vociferava, berrava, gesticulava, mordendo os labios de rancôr, de odio, indignadamente.

O rapazio, segundo elle affirmava (e com justissima razão!) não o deixava ganhar a vida socegadamente, honradamente, nem miseravelmente.

Os garotos, travessos e impiedosos, quaes touros sahidos d'um curro, furiosos, de ha muito que o puniam severamente, infligindo-lhe perversidades, sem que almas generosas e compassivas o protegessem dos rapazes insubordinados, travessos e sem respeito por alguem, o amparassem na velhice.

Quando o vimos pela ultima vez, trajava miseravelmente, mettia horror olhá-lo, incommodava presenceá-lo.

Já não se entregava ao espinhoso modo de vida de vendilhão e comprador ambulante, não.

Agora, em vez de percorrer estradas e montes, sujeitava-se a mendigar uma esmola.

E contou-nos: que já não podendo andar pelas aldeias nem povoados, porque as forças haviam-lhe fracassado, resolvera vender a *fatiegada* completa e pedir, por ahi ao acaso, disposto a ouvir de tudo, bôas e más respostas; que mesmo os garotos, os tratantes, não o deixavam viver tranquillo, que o matavam, que lhe davam cabo da pelle.

E chorava, chorava o pobre homem, recordando-se do que já fôra em tempos dos paes quando vivos e do tempo de agora; confrontava as epochas e, logo seu rosto magro e pallido, esquelectico e enrugado era humedecido de lagrimas...

*

Ha dias, os sinos da torre badalavam lugubremente, a finados.

Era a um sabbado, dia de feira. O mercado estava concorrido. Num grupo de lavradores fallava-se vivamente. Passamos. Abeiramo-nos d'um dos homens e perguntamos-lhe interesseiros:

— Então, o que ha?

— Não ha nada, meu senhor, respondeu o homem, baixo, de suissas, com as mãos nos bolsos. Morreu o *Ferro Velho*, o Adolpho, prosseguiu elle, e, como os garotos já não têm a quem atirar pedras, estão, aqui, estes lavradores a berrar, a barafustar porque, dizem elles, os rapazes não fazem outra coisa senão atirar agora pedras aos castanheiros, dando-lhes cabo das castanhas!...

OSCAR DINIZ.

A tua imagem

Á illustre academica portuense D. M. V.

A tua imagem, oh minha amada, sideral visão que guia com carinhos de mãe os meus passos vacilantes na vida, tem hoje pairado ante mim constantemente, apresentando-se ora alegre, ora triste, deixando-me acabrunhado sob o peso de mil pressentimentos temerosos. Envolve-me um ambiente onde existe uma vaga desconfiança que me tortura, que me faz viver n'uma cruel incerteza, que me torna desgraçado. O meu coração pulsa desordenadamente. Uma indizivel tristeza me invade. Procuro uma explicação para o meu estado de melancolia e não a encontro. Mas... que razões tenho eu para suppôr que nos venha a succeder qualquer desgraça? Decididamente sou uma creança! E, pretendendo convencer-me de que as minhas preocupações espirituaes não passam de puerilidades ridiculas, ponho-me a cantarolar uma ária popular para ver se afugento os pensamentos que, quaes pallidos fantasmas me povoam a mente. Então a tua imagem ergue-se diante de mim, ostentando-se magestaticamente bella e, fitando-me altivamente, entreabre os carminados lábios n'um sorriso empregado de tristeza; e dos seus olhos virginaes desprendem-se duas lagrimas que, semelhantes a finas pérolas, lhe deslizam pelo rosto angélico. Olhei a tua imagem profundamente e percebi que os seus lábios se mechiam. N'esse instante pareceu-me ouvir uma voz; devia ser a da tua imagem. Escutei. A voz dizia assim: — «Foi por uma tarde de outomno, oh meu Amor, que nos vimos pela primeira vez.

A noite começava a cair mansamente. Lembras-te? Tu estavas sentado á beira da estrada, a ler os sonetos de Anthero.

Eu tinha ido passear com a mamã e recolhia n'essa occasião a casa.

Ao passarmos por ti, os meus olhos encontraram-se com os teus e a partir disse momento, eu comecei a sentir o que até ahi jamais sentira. Na tua romantica figura havia um não sei quê de seductor que me fascinou.

Tu não eras um d'estes homens que vulgarmente se chamam bonitos; não, não eras. Tu eras o homem ideal que eu sonhei! Quando cheguei a casa, ia radiante! A ideia de que ia enfim amar, sentir o calor da paixão queimar-me o peito, enchia-me de jubilo.

Uma transformação radical operou-se no meu sêr. A tristeza que me caracterizava converteu-se n'uma alegria infantil.

Porém, uma dúvida cruel veiu atormentar-me. Amar-me-hias tu? Oh! então, admitindo a possibilidade de não ser amada, chorei lagrimas amarissimas!

Encostada ao peitoril da janella, a fronte apoiada sobre uma das mãos, eu assistia ao desmoronar do edificio, construido de quimeras pela minha engenhosa phantasia.

Se soubesses quanto soffri!... N'essa noite não fiz mais do que chorar.

No dia seguinte, quando me levantei, a primeira coisa que fiz, foi ir ver-me ao espelho. Recuei horrorisada! Desconhecia-me. A pallidez cadaverica do meu rosto ia descrever a meus paes a noite de angustias que eu passára. Quando entrei na sala de jantar, a mamã entregou-me uma carta. Oh! meu Deus! que alegria! Era tua! Eras tu que n'uma linguagem viva e apaixonada, sem ser alambicada, vinhas dizer-me que sentias por mim o puro Amor que matou Inês. Essa carta, que tantas vezes beijei, é a mais bella recordação da minha vida. Que saudades do dia em que a recebi! Ah, como a nossa felicidade foi passageira! Poucos dias depois d'aquelle em que, de mãos enlaçadas, juramos amar-mo-nos até a morte, uma separação brutal enlutava-nos o coração. Lembras-te da nossa despedida? Quando fui ter comtigo ao jardim, a ideia de te propôr a fuga acudiu-me ao espirito, mas logo a abandonei. Tu meditavas quando cheguei. Cahi-te nos braços a soluçar desesperadamente. Chamaste-me creança, seccaste-me os olhos com beijos, começaste a idealisar a nossa vida futura, e d'ahi a pouco, influenciada pela magia das tuas palavras, eu esquecia-me de que, brevemente, uma locomotiva, n'uma carreira vertiginosa, arrastar-me-hia para longe de ti.

A noite era silenciosa. O luar, diluindo-se por entre o arvoredo, vinha projectar no solo sombras phantasticas. No ar calmo pairavam perfumes inebriantes. E as nossas boccas, encontrando-se, uniram-se n'um beijo de sublime pureza, que ligou para sempre as nossas almas. E a Lua, lá em cima, no azul do firmamento, assistia á união das nossas almas e abençoava-nos. Tudo se callara para ouvir o nosso beijo! A aragem que corria brandamente, parára como que por encanto! E' que no nosso beijo havia alguma coisa de espiritual que encantou a Natureza. Nós, envolvidos pelo mysterioso silencio d'aquella noite fatal, sonhavamos um sonho de indizivel ventura. Acordámos ao som d'uma marcha funebre entoada por um rouxinol. Olhámo-nos consternadamente e tu disseste: — Como seria bello morrer aqui! Depois... tu sabes o que se passou. Vim para aqui, e desde então a minha vida tem sido horrorosa. Estava com esperanças de ir ahi passar as férias, mas quasi que já as perdi. O Destino não se cansará, jamais, de nos perseguir? O' meu Amor, escreve-me e vê se me ajudas a descobrir a maneira de eu ir para junto de ti.»

Assim fallou a tua imagem. A sua voz musical, rithmica, acabára de entoar a sentida elegia, quando recebi a tua pequenina carta. Pequenina? Sim; pequenina, no seu laconismo; mas grande, immensamente grande, porque continha a minha felicidade!

Oh! vem, minha amada, vem...

Julho de 1915.

MARIO LUSO.

GAZETILHA

Diga-me, Rosinha: já sonhou commigo,
Em noites de inverno, de aborrecimento?
Eu que sempre fôra um seu sincero amigo
Que em tempos d'outr'ora brincava comsigo,
Nunca lhe surgi lá pelo pensamento?

Se minha figura de aspecto doente,
Grave e pensativa e a desfallecer
Já lhe perpassára pela sua mente
Ou pelo olhar de graça e attrahente
Quando o Sol exhausto se vae a esconder?

Uma noite só. Como sou infeliz!!...
A Lua vagueava pelo Firmamento...
Vi-o n'um idyllio alegre e bem feliz,
Ella uma flôr!...
— Rosinha: o que me diz?
— De raiva chorei, chorei n'esse momento.

Ai n'um jardim, sob uma arvor' copada
Fallavam d'amor — sonho que engrandece!
E nos seios d'ellaa fronte reclinada
Promessas fazia á sua bem amada
Como um crente a Deus orando uma prece.

Depois, vi o resto da scena amorosa...
— Lá vem a Rosinha com o seu gracejo!
— Ergueu a cabeça e a bocca anciosa
Pousando ao de leve na face mimosa,
Sofrega, depoz-lhe um demorado beijo!...

— Eu! não diga mais, não esteja a brincar:
Sonho! uma mentira: um somno desvairado. —
— Sim, não foi comsigo, queira desculpar;
Tem razão, julgava que estava a fallar
Para o meu antigo e velho namorado...

OSCAR DINIZ.

O «Vimaranense» accelta e agradece qualquer communicação de interesse publico, que lhe seja feita.

O fim geral da educação é fazer um membro util e feliz da sociedade. O objecto da educação é formar o corpo e o coração do educando. — *V. d'Almeida Garrett.*

*

Aquelle que já sabe muito, mas quem olha sabe ás vezes ainda mais. — *A. Dumas.*

*

O genio é descaroavel: se no mundo a acção e a bondade podessem andar juntas, o mundo seria um paraizo. — *Oliveira Martins.*

A' sombra da Cruz

Falleceu segunda-feira á noite, depois de bastante soffrimento, o estimado industrial de cortumes sr. José Maria d'Oliveira, pae dos sr. José Maria d'Oliveira Junior e da ex.ma esposa do considerado pharmaceutico sr. Francisco Antonio Alves Mendes, irmão dos srs. Antonio, Francisco e João José d'Oliveira, e cunhado do sr. José Lerdeira Guimarães.

Os funeraes por alma do saudoso extincto realisaram-se hontem, pelas 11 horas, na egreja de S. Domingos, com a comparencia de muitos cavalheiros das relações do finado e de sua ex.ma familia, e ainda com a assistencia de varias irmandades.

Que descance em paz a alma do chorado homem de bem, e acceite a sua ex.ma familia as nossas sinceras condolencias.

*

Tambem succumbiu na penultima terça-feira, na sua residencia de S. Miguel das Caldas de Vizella, o rev. padre Bento Lopes de Carvalho, que durante 20 annos foi parocho zeloso da mesma freguezia.

Os officios do corpo presente celebraram-se alli na sexta feira passada, com o concurso de muitos ecclesiasticos, e larga assistencia de pessoas.

Paz á alma do virtuoso sacerdote, e pesames a sua familia.

Pela nossa terra

Deve regressar no sabbado a Caminha, a snr.ª D. Amelia Baptista de Sampaio Bourbon (Lindoso), que se encontra nas suas propriedades das Taipas.

*

De Villa do Conde já regressou o nobre titular sr. Conde de Margaride e seus illustres filhos.

*

Tambem regressou do Moledo do Minho o importante capitalista snr. Antonio Leite Castro e familia.

*

Com sua dedicada esposa, regressou, no passado domingo, da Povoa de Varzim, o considerado industrial sr. Joaquim Lopes de Souza Neves.

*

Retirou-se para Lisboa o nosso conterraneo snr. João Alberto Pinheiro, que viera de visita a sua familia ha tempos. Ao seu bota-fora, foram alguns amigos seus e varias pessoas de sua familia.

*

Encontra-se nas Taipas, o snr. Arthur Jorge Guimarães, antigo capitão de artilharia.

*

Foi hontem ao Porto o nosso particular amigo snr. João Affonso Alves d'Oliveira, digno escrivão de paz de S. Jorge do Selho.

A expedição a Angola

Seguem ás 4 da madrugada para a capital, em comboio especial, a 9.ª e 10.ª companhias do regimento de infantaria 20, no n.º approximado de 500 praças, que vão, como já se disse, render outras forças que se encontram em Angola.

Da expedição, superiormente commandada pelos capitães srs. Joaquim Pereira dos Reis, do estado-maior de infantaria, e Fernando Braga Barreiros, da guarda nacional republicana, fazem parte os seguintes officiaes de infantaria n.º 20:

Tenente sr. José Vieira de Faria; alferes srs. Francisco Martins Fernandes Junior, Ilydio Cerqueira de Vasconcellos, Manuel d'Abreu Ferreira de Carvalho e Gaspar Ferreira Paul, e alferes-medico miliciano sr. Manuel Fernandes da Silva Junior.

Que os valentes espedicionarios tenham uma viagem feliz, e mantenham lá fóra o prestigio do nome portuguez.

Uma saibreira que desaba, mata um homem

Mais um infeliz martyr do trabalho!

Quando, na manhã de sabbado, trabalhava n'uma saibreira do Proposto, juntamente com outros, o jornaleiro da Camara Joaquim Francisco, casado, do logar do Outeiro, freguezia de S. João Baptista de Pencello, teve a fatalidade de ficar soterrado, sendo retirado já sem vida.

Os jornaleiros, trabalhando sem superintendencia de qualidade alguma, o que é deveras para lamentar, cavaram fundo n'um dos lados da saibreira, de tres metros de alto, o que provocou o desabamento.

O sr. Marianno Felgueiras, ao tempo administrador do concelho, comparecen, pouco depois, no local do sinistro, mandande remover o cadaver para a casa mortuaria do cemiterio d'Athouguia.

CONSORCIO

Consorciou se, ha dias, na parochial de Nossa Senhora da Oliveira, o snr. Manoel de Freitas, nosso particular amigo e distincto professor de ensino primario no acreditado colegio do snr. Padre José Maria, com a ex.ma snr.ª D. Emma Nevada Vieira de Andrade, filha do extincto advogado snr. dr. Antonio Vieira de Andrade.

Aos noivos desejamos-lhe uma prolongada e feliz lua de mel.

Descanso das pharmacias

Está aberta domingo a pharmacia Martins.

Administrador do concelho

Foi nomeado para este cargo o sr. Antonio Cayres Pinto de Madureira.

Ao acto da posse assistiram muitos amigos de S. Exª.

Regresso de expedicionarios

Regressaram no preterito domingo a Guimarães, 26 praças da 11.ª companhia de infantaria 20, que tinham feito parte d'uma das ultimas expedições á provincia de Angola.

A estas praças foram arbitradas, pela junta hospitalar de inspecção, licenças de 60 dias a umas, e de 90 a outras.

Nascimento

Deu no domingo á luz uma linda menina a exma esposa do abalisado clinico vimaranense, snr. dr. Fernando Gilberto Pereira.

Os nossos sinceros parabens, e á neophita uma vida cheia de ventura.

Mobilisação das forças expedicionarias

No dia 20 do corrente fez-se a mobilisação das duas companhias expedicionarias do regimento d'infantaria n.º 20, tendo as praças licenceadas feito a sua apresentação com toda a regularidade e promptidão, havendo a registar, relativamente, um pequeno numero de faltas.

FESTIVIDADE

No proximo domingo, celebra-se a festa do Rosario, com missa cantada a instrumental, sermão e procissão, na parochial de Santa Eulalia de Fermentões.

Propaganda associativa nas Caldas das Taipas

A convite da Associação das Quatro Artes de Construcção Civil, realisou-se, no preterito domingo, uma reunião na visinha povoação das Taipas, a fim de fundar-se alli uma filial da mesma classe.

Eram 4 horas da tarde quando o presidente da junta federal, sr. Raphael da Rocha Guimarães, abriu a sessão, escolhendo para secretarios os srs. Herculano Salgado e Arnaldo Alves do Couto.

O presidente, agradecendo a comparencia dos assistentes, e dizendo-se representante das classes trabalhadoras de Guimarães, fez ver o valor do movimento associativo, e em seguida deu a palavra aos delegados da Federação, que se achavam presentes.

Em seguida, usou da palavra o representante da associação dos fabricantes de calçado, sr. Nicolau Sobrinho, que, n'um bem orientado discurso, fez ver o valor da associação, lastimando que o operariado não se una para a reivindicação dos seus direitos.

Tomou depois a palavra o representante das Artes Metallurgicas, sr. Alvaro Alves Pinto, que tomou e desenvolveu por thema a maneira do operariado se defender melhor, pedindo a união de todos, para pôr termo a tanta exploração existente e terminando por condemnar o açambarcamento dos generos de primeira necessidade.

Falla em seguida o delegado da mesma associação, sr. José d'Oliveira S. Romão, que mostrou á assistencia o poderio d'uma associação de classe, que é como uma mãe que acalenta os filhos, e diz que, assim como o lavrador, para colher os fructos, tem de lançar primeiro a semente á terra, assim tambem os operarios, dentro da sua collectividade, devem fortalecê-la, para mais tarde colher os seus beneficios.

Por ultimo, fallou o delegado da associação des Marceneiros, sr. Luiz Garcia Martins, que fez ver, em breves palavras, o estado em que vivia o operariado portuguez, dizendo que o nosso paiz, em leis, era fecundo, mas, d'entre ellas, as que tendem a beneficiar os operarios, como a lei dos accidentes do trabalho, são cheias de alçapões. Diz mais que a apregoada fraternidade é uma montira; que o povo trabalhador tem de se unir, dentro dos seus baluartes, para fazer prevalecer os seus direitos e acabar com os abusos do poder.

Depois de fallarem ainda outros operarios das Taipas e Pevidem, e em vista do adeantado da hora, nomeou-se a commissão iniciadora das Quatro Artes, que ficou composta os srs. Arnaldo Alves do Couto, Domidgos Gonçalves Fereira e Antonio Mendes, terminando a reunião com vivas ao operariado.

A «Voz do Povo» achava-se representada pelo sr. João Fernandes de Macedo.

Palcos & Salas

Cinematographos

Theatro Gil Vicente

Agradaram immenso as fitas que no passado domingo se exhibiram no vasto salão d'este theatro.

No proximo domingo, 24, vae passar por este *écran* a sensacional pelicula «Os «Dramas no circo», fita que vem precedida de grande fama, dos principaes cinemas de Lisboa e Porto.

E' de esperar duas casas á cunha.

Theatro D. Affonso Henriques

No proximo domingo, n'esta acreditada casa de espectaculos, exhibir-se-hão pelliculas sensacionaes, qne por certo deverão chamar, a esta casa, centenas de pessoas.

Ha duas sessões; os preços, os mesmos.

Noticias militares

Pela junta hospitalar de inspecção, reunida na séde da 8.ª divisão do Exercito, em 18 do corrente, foram arbitrados 40 dias de licença ao capitão de infantaria 20 sr. Arthur de Vasconcellos.

*

Apresentou-se da licença que se achava gosando nas suas propriedades de Santo Estevão de Briteiros, o capitão-ajudante do mesmo regimento, sr. Francisco Martins Ferreira.

*

Foram nomeadas para tomarem parte nas companhias expedicionarias á provincia de Angola, os seguintes sargentos de infantaria 20:

1.os sargentos Manuel Lopes da Silva Chaves e Manuel Marques Pinto; e 2.os sargentos Mario Pinheiro, Manuel Gonçalves d'Oliveira, Alvaro Martins de Campos, José Antonio de Mattos Junior, Americo José da Silva, Simão da Costa Pacheco, Adriano José de Araujo, José Barbosa, Joaquim Affonso Barbosa Fernandes, Francisco d'Assis Gardoso Rangel e Alexandre Manuel Moreira.

*

Foi promovido a musico de 2.ª classe para o regimento de infantaria n.º 16, o musico de 3.ª classe de infantaria n.º 20, sr. Manuel Antunes Malcata.

*

Seguiram hoje para Lisboa, constituindo as secções de quarteis do regimento de infantaria n.º 20, os srs. tenente Annibal de Barros, alferes Gaspar Ferreira Paul e 2.os sargentos Manuel Gonçalves d'Oliveira e Joaquim Affonso Barbosa Fernandes.

*

Apresentaram-se no mesmo regimento, tendo assumido o commando das companhias expedicionarias a que pertencem, respectivamente, os capitães srs. Fernando Braga Barreiros e Joaquim Pereira dos Reis.

CASA HIGH-LIFE

1, RUA 31 DE JANEIRO, 7 (esquina) — PRAÇA D. AFFONSO HENRIQUES, 132

GUIMARAES

Inauguração da estação de inverno

Chapeus para senhora e creança
Todos os artigos contra a chuva e frio
Novidades de Paris

O beijo postal

A scena passou-se em uma pequena localidade da Moravia, onde acabava de se estabelecer a primeira agencia do correio. O agente esta occupado em compulsar papeis, quando batem na porta.

— Entre.

E' uma pequena camponeza nova e cortez, que, fazendo sua saudação, apresenta ao empregado um vale que este examina, e achando-o em regra, paga. O empregado, um moço—pergunta depois á destinataria porque não tinha destacado o *coupon*, em que havia alguma coisa escripta para ella (os vales postaes austriacos, como todos os vales trazem um *coupon* á disposição do expeditor), ao que a moça, um pouco embaraçada e timida, respondeu: Meu bom senhor, veja que eu não sei ler, pode dizer-me o que ha?—Com muito prazer.—E o agente lê em um tom sério: «*Envio-te tres florins e mil beijos*».

Depois do que, accrescenta elle, com toda a consciencia de sua dignidade postal:

—*Agora que lhe entreguei os tres florins, faltam os beijos*»,

Então a camponeza se lança nos braços do empregado, e com uma efusão mal dissimulada, deixa-se pagar a quantia integral do vale! De volta a casa de seus paes, disse:

—Minha mãe, que bella coisa que é o correio, hoje; paga tudo integralmente, até os beijos!...

Por tal preço, garantimos, empregados para o correio, nunca faltariam!...

Secção recreativa

Charada auxiliar

(Dedicada aos novatos)

1.ª + go- = cidade
2.ª + go = sabio
3.ª + fa = fome
4.ª + hum = ninguem
5.ª + ge = caminho

Jornal.

S. M.

*

Charadas em phrase

N'esta provincia e em Cacilhas encontrei o verme.—2—1.

S. M.

*

Procura o rio e encontra a ave.—2—2.

S. M.

Secção humoristica

Brummell e o principe de Galles

O famoso Brummel apostou com o principe de Galles duas mil libras esterlinas, em como o levaria ás costas desde a port ade Hyde-Park, na extremidade de Picadilly, até á torre de Londres, sem parar e sempre a correr.

Acceita a aposta e fixada a hora, apresentou-se a Brummell o principe e as testemunhas.

—O cavallo está preparado, disse Brummell; prepare-se o cavalleiro.

—Estou prompto, disse o principe.

—Não de todo, é preciso tirar a casaca.

—Para que?

—Comprometti-me a levar Vossa Alteza, mas não a sua casaca, a qual augmentaria o peso, e é preciso cingir-se á lettra da aposta.

—Seja. Já podemos partir.

—Ainda não. Agora é necessario que Vossa Alteza tire as botas, as meias, a camisa...

—Basta, basta, disse o principe a rir, renuncio a effectuar a aposta; aqui estão as duas mil libras.

Epigramma

Commovido co'o sermão
Que certo cura prégava,
Todo o auditorio chorava
Menos o lorpa Simão.

—Porque não chora você
(pergunta em pranto Luzia)
Como o mais povo?—«Porque?
Porque não sou da freguezia.»

Chronica religiosa

Sexta, 22—Lausperenne na capella de S. Francisco.

Sabbado, 23—Lausperenne nas egrejas da Oliveira e Carmo.

Domingo, 24—Lausp renne na capella de S. Domingos.

Segunda, 25—Lausperenne na capella de S. Domingos.

Terça, 26 — Lausperenne na egreja dos Santos Pasos.

Quarta, 27— Lausperenne na egreja da Oliveira.

Quinta, 28— Lausperenne na egreja da Misericordia.

Mercado semanal

Eis os preços porque foram vendidos, no ultimo sabbado, os generos abaixo mencionados:

Milho branco, alqueire . .	720
» amarello. » . . .	700
» alvo . . » . . .	960
Centeio. . . . » . . .	800
Feijão branco . » . . .	1$600
» moleiro . » . . .	960
» amarello. » . . .	800
» fradinho. »	850
Painço . . . . » . . .	1$100
Gallinhas	600

Senhora

Offerece-se para dama de companhia ou professora.

N'esta redacção prestam-se esclarecimentos.

LITTERATURA

A hospitalidade arabe

Horeb era conhecido outróra pelo seu coração bemfazejo, como o era pelo instincto de coragem, pelo altivo sentimento de independencia.

Era elle quem tornava as festas mais alegres manejando o seu rhébab; era elle quem tornava mais terrivel o deserto, sendo o primeiro a lançar-se para o seu cavallo, que o levava ao combate. Agora, Horeb já não fallava; cuidava ainda do cavallo, mas era para correr a combates mais terriveis que todos aquelles que tinha dado no deserto.

A' tarde, viamo lo á entrada da tenda, contemplando o sol que se escondia na extremidade da planicie; o pensamento levava-o a um tempo em que tinha um filho que partilhava de todos os seus trabalhos, que todos as tardes louvava Allah, por lhe ter dado a liberdade no deserto.

Este filho, o sangue do seu sangue, fôra descoberto na areia, e os abutres tinham feito um banquete sangrento do seu cadaver; cahira victima do odio que dividia duas tribus.

Horeb chorava em silencio, e era em silencio que promettia a si proprio, do fundo do coração, tirar uma vingança terrivel, uma d'estas vinganças de que ainda se falla durante muito tempo no deserto, quando os que o habitavam cessaram de atravessá lo.

Um dia, como estivesse só com as suas dolorosas recordações, um viajante apresentou se lhe deante da tenda; fôra despojado pelas tribus de Onadelims, e pedia o asylo que nunca se recusa n'estas planicies desolatas, onde o homem desgraçado é um irmão que nos envia, por algumas horas, Aquelle cuja omnipotencia guia o conductor dos camellos atravez d'este oceano de areia.

Horeb acolheu o viajante, se bem que visse que a nação d'elle era uma nação estrangeira, e que a sua tribu não tinha pronunciado os juramentos de amizade que unema s nações do deserto.

Contentou-se em dizer lhe: Selam aleikoum *(que a paz seja comtigo) e serviu-lhe as iguarias que se offerecem aos estrangeiros.*

Acabára a refeição. O viajante, até então silencioso, offerecia as suas acções de graças ao Deus do deserto e ao hospedeiro que o recebera, quando uma suspeita terrivel entrou na alma de Horeb.

Entretanto ficou algum tempo immovel, como procurando preparar-se para um grande acontecimento; depois interrogou o fugitivo ácerca da sua tribu. A resposta foi tal que um frémito horrivel passou pelas veias do árabe, e que lhe pareceu que a cólera devorante d'um simoun lhe parava a vida, dessecando-lhe o sangue. Uma segunda pergunta deu-lhe um nome que o fez rugir como um leão n'estas planicies. Agarrar n'um punhal, esgrimi-lo, fazer brilhá-lo aos olhos do estrangeiro, foi negocio d'um momento, mas este instante trouxe comsigo a reflexão generosa.

Vae, diz, vae, assassino de meu filho; que Deus te puna pelo remorso se não te puniu pelo sangue! Não se ouvirá no deserto o nome de Horeb misturado com a lembrança da morte d'um hospede. Foge então, meu hospede, foge; o deserto é mui grande e o homem é mui fraco. Acrescentou, dizem, estas palavras com voz surda, pondo ainda a mão involuntariamente no punhal.

O assassino fugiu e dizem que alguns meses depois, a sua tribu cessou de fazer guerra á tribu de Horeb, que se chamou, desde esse tempo, o hospede sublime do deserto.

(De Ferdinand Denis — Versão de Carlos Coelho).

Prevenção

Ficam prevenidos os nossos assignantes de que este semanario, por conveniencia, deixa de publicar-se ás quintas-feiras, temporariamente, devendo sahir no dia seguinte.

COLÉGIO ACADÈMICO

Campo da Misericordia

GUIMARÃES

Reabriu no dia 7 de Outubro as suas aulas de **instrução primária**, com um professor para cada classe.

Curso comercial diurno e nocturno, êste só para empregados no comércio.

A **instrução secundária, curso de explicações** para classes liceais, reabrem no dia 15 de Outubro.

Edificio amplo e higiénico. Mêsa abundante, servindo-se os alunos á vontade.

Admite alunos internos, semi-internos e externos.

Enviam programas os directores:

Dr. Alfredo Peixoto
Luiz Gonzaga Pereira.

ANTIGA OURIVESARIA LIMA

—DE—

AMELIA LIMA S. FONSECA

65, Rua do Dr. Avelino Germano, 65 (antiga rua de S. Paio)

GUIMARAES

Esplendido sortido e grande variedade de objectos de ouro e prata, nacionaese estrangeiros, em caixas de luxo proprias para brinde.

Grande sortido de relogios de bolso em ouro, prata e aço, assim como relogios de meza e de parede, e despertadores dos melhores auctores.

Compra-se ouro e prata usada, assim como se fazem todos os concertos, por mais difficeis que sejam, com a maxima perfeição.

Ha a maior seriedade e economia em todas as transacções.

O gerente, *José Joaquim da Fonseca.*

ANTIGA CASA SEQUEIRA

—DE—

JOSÉ JOAQUIM VIEIRA DE CASTRO

RUA DE S. DAMAZO, 17 — GUIMARÃES

Encontra-se á venda sementes de diversas qualidades, como: Penca hespanhola e de Chares, Saboia, Murciana, Lombarda, Tronchuda, etc.; de Repolho: o gigante das hortas, Coração de boi, Pão de Assucar, de Hollanda. Quintal de Allemanha, etc.; Couve Flor e Bróculos. Ha tambem mais variedades em qualidades de sementes n'este estabelecimento: Eucalyptos, Pinheiros, Tojo arnal e molar, Couve galega, Nabo, etc.

Lembro aos Ex.mos consumidores o favor de fazerem os seus sortidos, podendo mandar pelo correio a quem os pedir e mandar a importancia, ou dar conhecimento n'esta cidade.

Na mesma casa encontra-se um bom sortido de artigos de mercearia, entre os quaes bom bacalhau, assucar, arroz, chá e café, que tudo se vende por preços limitadissimos.

Artigos para flôres artificiaes, e adubos chimicos, para todas as culturas.

Agencia da Companhia de Seguros «A PORTUENSE».

Antiga Casa dos Guarda-sóis

RUA DA REPULICA, 156-160

(Antiga rua da Rainha)

GUIMARÃES

Deposito de guarda-sóis e bengalas, com oficina anexa para concertos.

É, n'este genero, a casa mais sortida, mais antiga e acreditada de Guimarães.

Paramentaria, sirgaria e miudezas.

Vendas e concertos por preços sem competencia.

O proprietario pede uma visita ao seu estabelecimento.

Manuel Jeronymo de Mattos

FABRICANTE DE LANIFICIOS
PARA SENHORAS E CAVALHEIROS

COVILHÃ

Este estabelecimento e armazem é, no genero, o mais completo da Beira Baixa. Em preços não tem competidor. Na fabricação esmerada ninguem o excede, pelas boas materias primas empregadas no fabriço. Manufactura como as melhores e mais reputadas fabricas estrangeiras. Em côres fixas, que garante, poucos o egualam; em côres, padrões e gosto, está á altura dos primeiros innovadores. A's suas transacções d'alto commercio e no fornecimento de fazendas directamente pedidas e fornecidas á sua numerosa clientella de Portugal e ilhas, preside sempre o maximo escrupulo, a extrema seriedade. Peçam amostras.

Livrarias e casas-editoras

Recommendamos as seguintes:

Livraria Bertrand, de José Bastos—Rua Garrett—Lisboa.
Livraria França Amado—Rua Ferreira Borges—Coimbra.
Livraria Guimarães & C.ª—Rua do Mundo—Lisboa.
Companhia Portugueza Editora—Rua do Almada—Porto.
Livraria Moura Marques—Largo M. Bombarda—Coimbra
Casa Alfredo David—Rua de Serpa Pinto—Lisboa.
Livraria Academica—Rua das Oliveiras—Porto.
Livraria Abrantes—Rua do Alecrim—Lisboa.
Bibliotheca do Povo—Rua de S. Bento—Lisboa.
Livraria Internacional—Calçada do Sacramento—Lisboa.
Livraria Universal—Rua Direita—Aveiro.
Casa Belem & C.ª (Successores)—R. do Marechal Saldanha—Lisboa.
Livraria Classica Editora—Praça dos Restauradores—Lisboa.
Livraria Cruz & C.ª—Rua Nova de Souza—Braga.
Livraria Bordallo—Rua da Victoria—Lisboa.

"O Mundo Illustrado,,

Viagens, aventuras de terra e mar

Artes e sciencias, contos e romances, usos e costumes dos povos, factos notaveis, variedades, anedoctas, 1 volume, 312 paginas, grande formato, com finissimos quadros (monumentos, conventos, egrejas, quadros celebres, esculpturas, vistas de cidades, paysagens, scenas de romances, typos, raças, descobertas, maravilhas do mundo, etc.) e mais 26 numeros com 16 paginas, primorosas gravuras, capas de grande arte.

A collecção completa — tudo o que se publicou

18000 RÉIS

Com luxuosas capas de percalina, constituindo um brinde de valor

28000 RÉIS

(Correio gratis)

Obra de luxo para estante e meza. Leitura recreativa, alegre, para todos. Cêrca de 1.000 gravuras em papel *couché*.

Custava por assignatura 3$120. Agora **18000!**

FERREIRA DOS SANTOS
Rua do Almada, 80—PORTO

COLÉGIO DE SANTA MARIA

Madrôa — Guimarães

Admite alunas internas, *semi-internas e externas. Cuidado* [illegible] moral, doméstica e literária. *O resultado* [illegible] *no anno findo foi de* 18 aprovações com [illegible] distincções.

Envia programas [illegible] *Directora*

D. Ma[illegible] da Purificação Barros.

VIMARANENSE

Semanario independente, litterario, noticioso e defensor dos interesses locaes

DEVOLVIDO AO REMETTENTE

Guimarães

Ex.mo Sr.

Dr. José Ferreira da Silva Guimarães

Moura